

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

BONS IMPRESSOS E CARIMBOS

NA —

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

AVENÇA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 196 — Domingo, 10 de Março de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

DESTEMPEROS NEHRUVIANOS...

O SR. NEHRU, um homenzinho grotesco que frequenta assiduamente o palco da política internacional, de barrete e em cuecas, acaba de manifestar, por intermédio do «Economic Review», um pasquim que goza da pouco invejável honra de ser o seu porta-voz oficial, mais uma das suas múltiplas e mirabolantes facetas: a da mais reles grosseria.

Referindo-se à declaração que a Rainha Isabel de Inglaterra dirigiu aos seus ouvintes portugueses, e em que lamenta nem sempre ter sido bem compreendida a obra civilizadora dos dois países, aquele jornal indiano, que deve ser um vivo retrato do seu dono, comenta: «A visita (a Portugal) tem um sentido, na medida em que demonstra que os «civilizados» estão próximo da sua extinção final. Essas aves da mesma pena juntaram-se nas vésperas da sua condenação, mas façam o que fizerem o seu fim está próximo! E' esse o veredicto da história». E, depois de referir-se à «glória em declínio da rainha Isabel» por virtude «das maldições de milhões e milhões de homens que, no mundo, os imperialistas britânicos têm esmagado, oprimido e levado à carnificina», conclui: «Sua Majestade lamenta que o mundo seja incapaz de apreciar os enforcamentos dos patriotas gregos em Chipre e

as matanças dos portugueses em Goa».

Conclusão a tirar de todas estas bacoradas jornalísticas? Tal amo — tal servo.

Na realidade, o tal sr. Nehru, que sempre manifestou um especialíssimo fraco pelas pregações de moral, embora a sua Moral ande como ele próprio, em cuecas, o que talvez lamenta muito a sério é que o mundo seja incapaz de apreciar devidamente, não as «matanças dos patriotas

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)



apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO ENCARADO PELO GOVERNO

ATRAVÉS DAS INSTITUIÇÕES DE PREVIDÊNCIA

APRECIO sempre as pessoas que ousadamente encaram as realidades, e ainda mais quando se situam num cargo sujeito a crítica e acusação. Por esta

razão admirei e encheram-me de esperança as palavras do ministro das Corporações recentemente proferidas perante a Imprensa — que pena que só seja considerada Imprensa os diários de Lisboa e Porto!, sobretudo quando os assuntos tratados interessam à Nação inteira! — nomeadamente, as seguintes, pela sua clareza e porque delas se deduz que o Governo está perfeitamente integrado na sua missão e consciente das realidades:

«E' por demais conhecido o valor social da habitação, para que a sua crise possa ser minimizada nas suas consequências, claramente patentes nas marcas que a carência de moradias dignas e saudáveis imprime no corpo e na alma. Pelas consequências que a sua falta acarreta bem se pode aferir do valor da casa decente e apropriada: a saúde que se perde, pela ausência das mais elementares condições de higiene e profila-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

A GRANDE JORNADA LUSO-INGLESA

ULTRAPASSOU tudo quanto se podia esperar o ambiente de simpatia calorosa que rodeou a visita oficial de Isabel II ao nosso País.

Pelo que foi dado observar-se, através do volume e da espontaneidade da manifestação dispensada à jovem Soberana do velho aliado, pode considerar-se este encontro entre os dois Chefes como um dos maiores acontecimentos ocorridos no âmbito das relações luso-inglesas e da própria vida da Nação. O povo por-

tuguês, de há muito entregue a uma profunda obra de ressurgimento e de conquista de melhores condições de existência, dificilmente se encontra totalmente livre para dedicar-se de alma e coração, de participar tão larga e significativamente num acontecimento festivo como este.

De há muito que existe uma forte simpatia recíproca entre os dois países atlânticos, que há séculos deram concretização a uma aliança que o próprio destino se encarregaria de com-

provar e consagrar. Teve, nestes dias de presença de Isabel II entre nós, a sua mais bela expressão essa aliança secular, vinculada pelo casamento de D. Filipa de Lencastre com D. João I de Portugal. Na realidade, o povo português compreendeu o alcance dessa visita memorável e paralisou, por momentos, a sua actividade, libertando-se de todos os afazeres e preocupações, para atender e acarinhar essa figura gentil de Senhora e Rainha,

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

NA LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

UMA CONFERÊNCIA DO DR. ALBERTO IRIA

SUBORDINADA AO TEMA «O INFANTE D. HENRIQUE E AS PRIMEIRAS PESCAS LONGÍQUAS NO OCEANO OCIDENTAL»

É TAO grande a projecção da figura do Infante D. Henrique que, todos os dias, surgem novos estudos. Este que o sr. dr. Alberto Iria apresentou na Liga Portuguesa de Profilaxia Social, no Porto, onde o génio dos Descobrimentos nasceu, enquadra-se nessa multiplicidade de análise ao homem e à sua influência no tempo. Considerando as diversas actividades piscatórias e marítimas, afirmou o orador que «com o advento dos

Descobrimientos não houve, em Portugal, decadência das pescarias. Antes se verificou notável abundância de pescado, cujo excedente se exportava para o estrangeiro. Os factos históricos agora apurados e o simples encadeamento lógico dos mesmos desmentem, categoricamente, a infundada afirmação de que essa pretensa decadência teria sido provocada pela febre dos descobrimentos marítimos e da expansão ultramarina...»

E, nessa orientação, pormenorizou o desenvolvimento e o progresso das pescarias, acrescentando: «Quando o Infante D. Henrique começou a enviar à costa do Noroeste africano os seus navios, em data imprecisa, já os pescadores do Algarve, na lógica sequência das suas tradicionais actividades marítimas, e desde tempos imemoriais, iam nas suas típicas barcas e caravelas pescar, tão típicas e únicas em todo o País, como, ainda hoje, os seus típicos e únicos caiques de pesca e do navego, pescar nos mares fronteiros à vizinha costa atlântica de Marrocos, até ao Cabo Não ou até às Canárias. O Infante D. Henrique fez do Algarve o empório das suas pescarias e de Lagos, em especial, o porto de armamento das suas caravelas de descobrimento de pescar. Os reais privilégios que lhe foram concedidos, particularmente os respeitantes às suas pescarias no Algarve, fizeram deste príncipe o maior armador de pesca do País. Só com a sua prévia licença podiam os nacionais e estrangeiros, mediante o pagamento dos respectivos direitos, exercer a pesca nos mares do Algarve, desde a Ponta de Mor

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)



ARTISTAS ALGARVIOS

«Rainha Cativa»

Quadro do pintor Samora Barros

COMPARTICIPAÇÕES para melhoramentos no Algarve

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu, pelo Fundo do Desemprego, as seguintes participações para melhoramentos nesta Província:

À Junta de Província do Algarve, para construção do edifício de Faro, destinado às suas instalações, reforço, 50.000\$00; à Direcção do Albergue Distrital de Faro, para construção do edifício-sede — 2.ª fase — reforço, 50.000\$00; à Santa Casa da Misericórdia de Olhão, para construção da sede do Centro de Assistência Social Polivalente, reforço, 40.000\$00; e à Direcção dos Amigos dos Pequenos, de Silves, para construção de um infantiário, reforço, 34.000\$00.

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Tristeza-pobre-diabo

Está certo. Isso mesmo o que devia fazer. Deitar o chailinho pelos ombros, encostar-me a um canto e aí, em silêncio, ruminar a tristeza vaga que me tolheu na rede.

Não sou pessimista. Pessimismo é para quem desce, para quem não tem razões de viver. Meu coração é um viveiro de perspectivas. De confiança no futuro. Disso não desiste, disso não é ele pobre. Mas, às vezes, avança uma sombra nele. Nada mais do que uma sombra. Se fosse um milhafre, defender-me-ia de um milhafre. Se fosse um gume, esquivava-me de um gume. Mas não. E' uma sombra que me não diz de onde vem nem como vem. Se lhe pergunto o que quer, sorri, com aquele sorriso, chorado e rido ao mesmo tempo, de Charlot, e responde: «não quero nada, quero estar um bocadinho triste, aí está. Não me parece que tenhas alguma coisa com isso».

Está certo. Não tenho nada com isso. Pronto. Mas não amo escrever sob o signo da tristeza. Mesmo de uma tristeza-pobre-diabo, que nada deseja mais do que estar um bocadinho triste dentro do meu coração.

Não renunciemos nunca a explicar

Não gosto de ser impostora. Quero dizer: não sou capaz de ser impostora. Mal aparece em

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

HOJE EM LOULÉ

Desfile de 40 carros alegóricos

Devido ao mau tempo, não se efectuaram no domingo e terça-feira gorda as tradicionais Batalhas de Flores de Loulé, em benefício do Hospital da Misericórdia.

Para remediar tal contrariedade, atendendo às despesas avultadas com a sua organização e ainda ao grande número de pessoas que não puderam presenciar este magnífico espectáculo, a Comissão das Festas resolveu realizar hoje, 10 do corrente, pelas 15 horas, um imponente desfile de 40 vistosos carros alegóricos das referidas Batalhas de Flores.

No programa estão incluídos os seguintes números: Eleição da Rainha das Batalhas de Flores de 1957; corridinho a prémio, pelos Ranchos Infantis de Alte e Paragil; leitura e proclamação do 4.º Concurso de Madrigais e escolha do melhor traje de fantasia.

São estabelecidas carreiras extraordinárias de camionetas e automótoras.

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, esteve nesta vila o nosso estimado amigo e assinante sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, residente em Lisboa.

Vindo de Lisboa, encontra-se nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado assinante sr. eng.º João Eusébio D. Botiquilha.

Acompanhado de sua mãe, esposa e filhos, esteve nesta vila, tendo já retirado para Oeiras, onde reside, o nosso estimado amigo e assinante sr. capitão António Gonçalves.

Com sua esposa, encontra-se entre nós o nosso prezado amigo e assinante sr. Augusto Rodrigues Lima Centeno.

A passar o Carnaval, estiveram nesta vila, tendo já retirado para Lisboa, os srs. Fernando Abecassis Vargas Drago, António João Ruivinho, Raul Folque de Brito, Eduardo Limon da Silva Cavaco e Manuel José Caraca Cipriano.

Retirou para Paço de Arcos, onde está prestando o serviço militar, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Afonso Correia Castanheira.

Com sua esposa e filhos, esteve nesta vila, tendo já retirado para Lisboa, o nosso prezado assinante sr. dr. Jorge Lopes Bonança.

Com curta demora, esteve nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado assinante sr. Dante Guerreiro, residente em Lisboa.

Esteve entre nós, tendo já retirado para Coimbra, onde reside, o nosso prezado assinante sr. Manuel Alexandre Faustino.

Acompanhado de sua esposa, esteve nesta vila, a passar o Carnaval, o nosso prezado conterrâneo sr. Ernesto Martins, residente em Olhão.

Nascimento

No passado dia 27 de Fevereiro, deu à luz uma robusta criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Teresa Correia Ribeiro Alves de Castro Lemos e Pinto, esposa do sr. Alberto Manuel de Castro Lemos e Pinto (Sto. António), nosso prezado assinante em Albergaria-a-Velha.

FIGURAS DA ACTUALIDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

incansável, disposto a usar das suas forças até ao extremo limite.

A sua forte personalidade tinha inevitavelmente de se chocar com a de Eden. Ao passar do Ministério dos Estrangeiros para a Chancelaria do Tesouro—mutação que certos atribuíram a conservadora diplomacia e à esperança de verem terminados os atritos devidos à política externa—Harold MacMillan manteve toda a sua rude franqueza e toda uma impoluta lealdade de servir. O seu desassombro tem-lhe valido a velada simpatia dos trabalhistas. O seu desejo de mudar processos, que alguns consideram ultrapassados, proporciona-lhe amigos de tendências diversas—essa talvez fosse uma das razões por que foi escolhido para Primeiro Ministro da Grã-Bretanha.

Ilustre de José dos Santos Marques



PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.ª

Vila Nova de Gaia

TRIBUNAL JUDICIAL Comarca de Vila Real de Santo António Anúncio

No dia 22 de Março, por 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta Comarca, e nos autos de execução fiscal que a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Aljustrel move contra João Parreira Lopes e seu fiador José Luis Mira, residentes em Montes Velhos-Aljustrel, há-de proceder-se à arrematação, em hasta pública, dos prédios a seguir designados, pelo maior lance oferecido acima dos valores, respectivamente, indicados:

PRÉDIOS

1.º O direito a uma sexta parte de uma courela de terra galega, com árvores, no sítio do Barranco do Pé Queimado, freguesia e concelho de Castro Marim, desta comarca, inscrito na competente matriz sob o art.º n.º 2.787 e descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho sob o n.º 7.288, a fls. 151 do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de cento e cinquenta escudos.

2.º O direito a uma sexta parte de uma morada de casas térreas, com dois compartimentos, ramada e palheiro, sita no lugar da Ladeira do Beliche, freguesia de Castro Marim, desta comarca, inscrita na respectiva matriz sob o artigo n.º 1.194 e descrita na Conservatória do Registo Predial deste Concelho sob o n.º 7.229, a fls. 151 v.º do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de noventa e seis escudos.

3.º O direito a uma sexta parte de uma courela de terra galega, no sítio do Beliche, freguesia de Castro Marim, desta comarca, inscrita na respectiva matriz sob o n.º 2.779 e descrito na Conservatória do Registo Predial desta comarca sob o n.º 7.280, a fls. 152 do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial (matricial) corrigido, correspondente, de sessenta escudos.

4.º O direito a uma sexta parte de uma courela de terra de semear e matosa, no sítio da Ladeira do Beliche, freguesia e concelho de Castro Marim, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 2.788, e descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho sob o n.º 7.281, a fls. 152 v.º do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de setecentos e vinte escudos.

5.º O direito a 1/12 avos de uma courela de terra várzea, no sítio do Beliche, freguesia e concelho de Castro Marim, desta comarca, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 2.790 e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 7.282, a fls. 153 do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de sessenta escudos.

São por este citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos, nos termos da Lei.

Vila Real de Santo António, 2 de Março de 1957. O Chefe da Secção de Processos, a) António Figueiras da Cruz Verifiquei: O Juiz de Direito, a) Francisco Nunes Correia

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mim um sentimento intruso, começo logo a querer explicá-lo, a procurar estar em dia comigo mesma. Ignorar porque se está triste não passa, às vezes, de mera cumplicidade. Também serve para construir um poema de dois ou três versos, como se agora usa. Freudianos. Cabeça pelas paredes ou onírica passividade. Sem procurar a raiz. Físicos de aldeia, presos aos sintomas de superfície. Muito cómodo. Mas renunciar a explicar é renunciar a compreender. E dou por mim a conversar comigo...

Conversando comigo

Vejamos. Começaste a ficar assim depois que viste o álbum com as reproduções de Picasso. Preço de capa: quatrocentos escudos. Foi, não foi? Mas, em lugar de renunciáres a ele, podias ter mandado pôr na conta da livraria, eram mais quatro, menos quatrocentos. Verdade que seria engordar ainda mais a jibóia astronómica da conta e não aceitaste o conselho. Paciência. Outra maré virá.

Depois, leste na revista «Correio, publicada pela Unesco, que, em 1955, o segundo autor mais traduzido em Portugal fora Madame Dolly, a inefável, oca, cor-de-rosa Madame Dolly. Novamente te aconselho paciência e a não pendurares na cara essa tabuleta de espanto. Repara que esse facto não atesta mediocridade do povo, mediocridade natural, digamos. O público lê o que tem para ler. E quando não tem nada mais, lê mesmo o que lhe dão. Lembra-te quando, naquela noite, o ano passado, chegaste a Montfortinho? Os livros estavam fechados na mala. Antes de adormecer, não houve outro jeito senão ler a página de anúncios de um vespertino atrasado. Com o público acontece o mesmo. Verifica que ele ocorre quando lhe dão comida boa. Verifica que o autor que mais se traduziu, naquele período, foi o génio do Teatro, Shakespeare.

Aconteceu que, logo a seguir, ligaste para a Emissora Nacional. Num diálogo sem interesse quer literário, quer de qualquer outra espécie, entre mãe antiga e filha actual, esta salpicava o seu arrazoado de palavras estrangeiras. Não faltou sequer o O. K.! E, para cúmulo, «Yes, Mam!». Ficaste horrorizada. E com razão, concordo. Pois quê! Já o doce e mavioso mãe não serve para bocas portuguesas? Já a palavra que pronunciam lábios de Camões e Nuno Álvares Pereira não tem categoria radiofónica? Lastima! Lastima! Mas sossega. Meta dúzia de meninas americanizadas não conta. Milhões de portugueses continuam e continuarão, nos momentos bons e maus da vida, a clamar, a bendizer, a amar o santo nome de Mãe.

Maria Manuela Nunes

Quem Perdeu?

No posto da P. S. P., desta vila, encontram-se depositados os seguintes objectos, que serão entregues a quem provar pertencer-lhes:

Uma luva de senhora e um colar de fantasia.

Compositor Tipográfico

PRECISA-SE

Oficial ou Auxiliar—Tipografia «Povo Algarvio» — TAVIRA.

MÁQUINAS DE ARAMAR



ENTREGA IMEDIATA: VENDEM

ILÍDIO PANINHO, LDA. - SETUBAL

PROVINCIA

TAVIRA

Carnaval

Mais ou menos, os três dias de Carnaval passaram-se assim nesta cidade: Domingo Gordo — Dia de chuva. Ninguém pelas ruas; até as excursões que nos costumam visitar não apareceram. Animação, nenhuma. De noite, as luzes da iluminação pública não se acenderam. Os poucos bailes anunciados estiveram às moscas. Segunda-Feira Gorda — Dia sem chuva. Muitas camionetas, tanto aqui como de fora, passaram a caminho de Loulé, onde o Carnaval ainda impera, mercê do bairrismo daquele povo louletano. Na cidade, a habitual falta de movimento. Grupos musicais, nem um para amostra. Os miúdos, este ano, raramente apareceram com seus trajes garridos. De noite, algum movimento nos bailes das sociedades recreativas. Nesta noite, as luzes das ruas apareceram parcialmente acesas. Terça-Feira Gorda — Outra vez a chuva, que tudo prejudica neste Entrudo. A única nota de destaque foi a «Estudantina» das Cabanas de Tavira. Tarde aborrecida, que a chuva morrinhenta acompanhava. De noite, queimaram-se os últimos cartuchos, com aquela meia dúzia de foliões que aparecem nestas ocasiões. Resumindo: O Carnaval este ano, em Tavira, nem pareceu Carnaval. Quem pode não gasta, e quem gasta não tem para o poder fazer.

Subsídios para Tavira

Pelo Fundo do Desemprego, foi concedida à Câmara Municipal de Tavira uma verba de 50 contos, como reforço para as obras de reconstrução do edifício dos Paços do Concelho, que morosamente se está fazendo nesta cidade, e outra, de 49.250\$00, para reparação do Bairro Jara (Bairro Municipal), de casas destinadas a famílias pobres, 1.ª fase.

Procissão das Cinzas

Sai hoje, domingo, a procissão das Cinzas, que, como de costume, tem elevada afluência de pessoas de todo o concelho. No préstito, em que figuram, como habitualmente, treze andores com imagens, incorporam-se os irmãos da Ordem Terceira de S. Francisco, com os respectivos hábitos e a banda de música local, clero e muito povo. A procissão, que sai da igreja de S. Francisco, junto ao hospital, percorre as principais artérias da cidade.

Quartel de Tavira

Consta pela cidade que no próximo mês de Abril funcionará uma recruta de 100 militares. Oxalá se confirme esta notícia, porquanto sendo o quartel de Tavira um dos melhores do País, não faz sentido que não seja aproveitado o ano inteiro, para bem da terra. — C.

NA LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

UMA CONFERÊNCIA DO DR. ALBERTO IRIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

da Acha até à praia da Figueira, onde as artes xávegas ou as enxávegas henriquinas tinham os seus arraiais, com fornos e cabanas para serventia dos pescadores.

O sr. dr. Alberto Iria referiu-se, depois, às pescas longínquas e disse: «Foram os armadores das pescarias do Infante D. Henrique, no Algarve, entre os quais figura João Dias, morador em Lagos, em 1445, o único cujo nome a História registou, que levaram as caravelas pescarezas henriquinas até aos piscosos mares de Cabo Branco, já nessa época o limite máximo provável das pescas longínquas da iniciativa do Navegador e onde, ainda hoje, vão fazer abundantes pescarias os barcos portugueses da pesca de arrasto».

MONUMENTO ao Patrão Joaquim Lopes EM OLHÃO

Pedido da Comissão Promotora

A Comissão Promotora do Monumento ao Patrão Joaquim Lopes, na vila de Olhão, solicita de todas as pessoas e entidades que tenham em seu poder listas da subscrição oportunamente aberta o obsequio de lhas enviarem, com a possível urgência, acompanhadas das importâncias porventura já subscritas, para a Casa do Algarve, Rua Capelo, n.º 5, 2.ª, em Lisboa.

Igualmente, solicita de todas as pessoas e entidades que tenham oportunamente recebido, para venda, postais ilustrados (fotografias do Patrão Lopes e da maquette do monumento) e exemplares do livro «O homem que venceu o mar», de Antero Nobre, o favor de lhe remeterem, para o mesmo endereço, as respectivas importâncias, ou lhe devolverem os exemplares não vendidos.

Solicita, ainda, de todas as pessoas ou entidades que se tenham incumbido ou tenham tomado a iniciativa de angariar ou recolher, por qualquer outra forma, sobretudo junto dos pescadores e marítimos olhanenses, fundos destinados ao monumento, o obsequio de lhe remeterem as importâncias porventura recebidas até esta data e ainda não entregues, acompanhadas de notas discriminativas da sua procedência.

Todas as importâncias devem ser remetidas em vale postal registado, em nome desta comissão.

Antecipadamente a comissão se considera muito grata pela pronta satisfação deste seu pedido.

O orador concluiu assim o seu valioso estudo: «O pensamento do Infante D. Henrique parece, pois, ter-se sempre orientado, relativamente às suas empresas de descobrimento, na exploração intensiva e sistemática das pescas marítimas, em especial as do Algarve, onde possui até o monopólio da pesca do coral, com o da pesca do atum e das corvinas, pondo esta actividade e os seus rendimentos ao serviço do seu vasto plano de acção, no sentido da expansão ultramarina. Quando o Infante D. Henrique morreu, em Sagres, a 13 de Novembro de 1460, deixou em plena actividade as famosas pescarias que fomentara no Algarve, aquém e além-mar, e deixava ainda, na própria toponímia de Sagres, dois expressivos nomes chegados até nós, a marcar como que o seu eterno vínculo à região eleita, onde quase tudo do seu tempo os homens, implacavelmente, destruíram. Atestarão sempre esses nomes, ao menos, as duas principais facetas do alto espírito daquele príncipe, que tanto amou o mar e a pesca ao serviço de Portugal: miradouro do Infante e pesqueiro do Infante».

No final, o sr. dr. Alberto Iria foi muito aplaudido.

Presidiu à sessão o sr. dr. Domingos Braga da Cruz, governador civil do Porto, que convidou para a mesa os srs. brigadeiro Magalhães de Figueiredo, comandante interino da 1.ª Região Militar; prof. dr. Fernando Seabra, director da Faculdade de Economia, em representação do reitor da Universidade; rev. dr. Domingos de Pinho Brandão, representando o Bispo do Porto; comandante Machado de Sousa, representando o capitão do porto do Porto; tenente Abílio de Paranhos, representando o comandante da Polícia de Segurança Pública; prof. Maurice Villemur, director do Instituto Francês no Porto; comandante Coutinho Lanhoso, delegado no Porto do Grémio dos Armadores da Pesca de Arrasto; António Sabino Simões Neto, da Comissão Pró-Algarve; e dr. Gil da Costa, director da Liga de Profilaxia.

COLABORE NA D. C. T.

Compreenda a D. C. T., aprendendo os conhecimentos que ela divulga.

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 1 a 7 de Março:

Entrados: LAUPEN, Suíço, de 468 ton., de Casablanca, com carga em trânsito.

COSTEIRO, Português, de 630 ton., de Lisboa, vazio.

GIRÃO, Português, de 428 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos: LAUPEN, Suíço, para Génova, com conservas.

ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 9 a 15 de Março, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

ACTIVIDADES DA «CASA DO ALGARVE»

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Conselho, pelo grande interesse que sempre dispensou a este magno problema».

Foram também aprovadas, por aclamação, saudações ao sr. engenheiro José António Madeira, vice-presidente da assembleia-geral, pelo êxito da homenagem que um grupo de amigos e admiradores acaba de prestar-lhe, e ao presidente da Direcção, sr. major Mateus Moreno, pela medalha de mérito militar que lhe foi conferida pela última Ordem do Exército.

Foram, finalmente, apresentados à F. N. A. T., na pessoa do seu ilustre director e vice-presidente da «Casa do Algarve», sr. dr. Quirino dos Santos Mealha, os mais vivos agradecimentos da colectividade, pelos serviços e auxílios recebidos daquele organismo oficial; proclamados sócios beneméritos, pelas ofertas feitas à agremiação e contributos prestados à propagação das belezas da província, os pintores, sr.ª D. Maria Alexandrina Chaves Berger e dr. Jaime Murteira; louvado, como secretário da assembleia-geral, o sr. José Raul da Graça Mira, e registado um voto de especial reconhecimento a toda a Imprensa e Rádio, pelos estímulos com que desde sempre têm acarinhado as actividades da agremiação.

Foram, finalmente, apresentados à F. N. A. T., na pessoa do seu ilustre director e vice-presidente da «Casa do Algarve», sr. dr. Quirino dos Santos Mealha, os mais vivos agradecimentos da colectividade, pelos serviços e auxílios recebidos daquele organismo oficial; proclamados sócios beneméritos, pelas ofertas feitas à agremiação e contributos prestados à propagação das belezas da província, os pintores, sr.ª D. Maria Alexandrina Chaves Berger e dr. Jaime Murteira; louvado, como secretário da assembleia-geral, o sr. José Raul da Graça Mira, e registado um voto de especial reconhecimento a toda a Imprensa e Rádio, pelos estímulos com que desde sempre têm acarinhado as actividades da agremiação.

Agradecimento

A família de António Bento vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o saudoso extinto à sua última morada e informar que a missa se realizará na igreja da Conceição de Tavira, domingo, dia 24 de Março, pelas 12 horas.

hérnia

O célebre especialista Internacional INSTITUT HERNIAIRE DE LYON

garante-vos o sucesso rápido e definitivo, graças ao método moderno, sem mola e sem pelota

Myoplastic - Kléber

Leve, ligeiro, lavável, este verdadeiro «músculo de socorro» reforça a parede abdominal e contém a hérnia no seu lugar

«Como se fosse com as mãos»

Vinde fazer um ensaio, ficareis maravilhados.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Farmácia Silva

DIA 23 de Março

TAVIRA

Farmácia Eduardo Félix Franco

DIA 22 de Março



Comentário Cinematográfico

A POESIA NA OBRA DE AUTANT-LARA

Claude Autant-Lara é, sem dúvida, um dos realizadores franceses com maior interesse, possuidor de excelentes qualidades como cineasta. E' pena que as suas obras mais representativas e fundamentais do cinema francês, como «Le Diable au Corps» e «Le Blé en Herbe», sejam desconhecidas do público português. Nas nossas salas de espectáculos só se exibiram algumas das suas obras menores, que constituíram autênticos insucessos comerciais, especialmente «Silvia e o Fantasma» e «Margarida da Noite», objectivo deste comentário.

«Silvia e o Fantasma» e «Margarida da Noite» são duas obras essencialmente poéticas. A não aceitação delas junto do público resultou da não compreensão da mensagem poética de Autant-Lara. A poesia de «Silvia e o Fantasma» poder-se-á chamar uma poesia do quotidiano. Autant-Lara revela-nos o mundo da adolescência, com os seus complexos problemas revestidos de uma suave poesia. O mesmo não se poderá dizer de «Margarida da Noite». Autant-Lara, seguindo ele próprio diz, enveredou pelo «poético-fantástico» (Baptista Bastos, in «Século Ilustrado»), caminho mais fácil para tratar tema de tão difícil adaptação cinematográfica, como o romance de amor do dr. Fausto e Margarida. Esse carácter fantástico é ainda acentuado pela influência do expressionismo alemão, particularmente no que respeita ao «décor». E' na cenografia de «Margarida da Noite» que reside grande parte do mérito e do carácter experimental da obra. Autant-Lara tentou conquistar novas possibilidades para o cinema. E, vamos lá, conseguiu-o, com bastante êxito.

O cenário sintetizado e linear, assim como a cor, não são originalmente aproveitados como determinam todo o ambiente e clima do tema. Tornam-no fantástico. Autant-Lara emprega inteligentemente a cor, mostrando as grandes possibilidades da sua utilização no cinema. Nas cenas da ópera, do «Pigal's», nos diálogos de Fausto com Léon Mefistófeles, é empregado o violento contraste entre o vermelho e o verde, exprimindo as paixões humanas em efervescência. No cemitério, dada a austeridade do ambiente e para exprimir a noção de solidão, Autant-Lara recorre mais às cores neutras-pretos, brancos e castanhos. A composição arquitectural, sintetizada no cemitério ou na gare da estação, com os seus contrastes de luz negros e claros, resulta nitidamente expressionista. Na estação, quando Fausto se vai despedir de Margarida, o «poético-fantástico» de Claude Autant-Lara é levado ao máximo, pois aí figuravam unicamente as carruagens, o dr. Fausto, Margarida e Léon Mefistófeles. Mais ninguém. Com isto, o realizador talvez pretendesse dar-nos a ideia de que aqueles personagens per-

tenciam a um mundo aparte, a um mundo irreal.

«Margarida da Noite» foi baseado num romance de Pierre Mac Orlan. A sua temática, se bem que aparentemente semelhante, difere bastante da clássica obra de Goethe. E' a sua adaptação moderna. Mais do que uma eterna procura da juventude perdida, «Margarida da Noite» revela uma sociedade decadente, oportunista, afogada nos seus próprios meios, e em que os indivíduos procuram, a todo o transe, evadir-se, agindo desesperadamente para alcançar uma existência aproveitável, mesmo que a solução seja a morte. A atestá-lo estão as torturadas figuras de Margarida, Fausto e Léon Mefistófeles, que são bem humanas.

David Lopes

CONSIDERANDO...

CINEMA NACIONAL

por Candelas Nunes

Não vi ainda «Perdeu-se um Marido». Nem tenciono vê-lo jamais. Isto não impede, porém, que eu possa dizer que não concordo com o tom demasiado protector, demasiado paternal, com que certo sector da crítica recebeu este e outros filmes nacionais. O critério de apreciação deve, quanto a mim, ser semelhante para todos os filmes, sem atender a nacionalidades. Quer por uma questão de decoro, quer porque o cinema, esse, é arte e não conhece nacionalidades. Serve ou não serve, interessa ou não interessa. Se eu for poeta, posso, evidentemente, fazer maus poemas, que ninguém tem nada com isso. Mas se os publico, se os dou a apreciação da crítica, o caso muda de figura...

Uma obra cinematográfica, para ser válida, requer um certo número de condições que, salvo raras excepções, o cinema nacional jamais preencheu. E' esta uma verdade que tantas vezes temos visto apontada, sem que, até agora, se tenha encontrado solução.

O apregoado plano de continuidade de produção dos estúdios nacionais não justifica a nossa mediocridade. Nem é razão para que a crítica se compadeça dos «noivos das Caldas» e «maridos perdidos». Basta para isso que os nossos homens de cinema (se é que os há) se convençam de que o povo português pensa e sente. Tal como acontece a todos os povos, os pensamentos e os sentimentos do nosso darão bons filmes. Melhores, com certeza, que as adaptações cinematográficas de comédias revisteiras.

«Perdeu-se um Marido»?... Bom proveito a quem o encontrar.

Assinala e propaga "Notícias do Algarve"

UMA CRÓNICA POR SEMANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

xia, as epidemias que a precaridade da habitação propaga, a mortalidade que aumenta. E' o desperdício e a inutilização parcial da obra de previdência, de assistência e de saúde levada a cabo através dos serviços médico-sociais, sanatórios, dispensários e subsídios de toda a ordem.

«Mas, ainda mais do que, a saúde do corpo, é a saúde do espírito que de tal crise sai ferida: do ponto de vista individual, a promiscuidade, a ilegitimidade de vida e, tantas vezes, a insensibilidade moral; no aspecto familiar, é a falência da nobre missão da família, da sua grandeza e das suas virtudes — dificuldades de constituição de lares legítimos, quebra da sua estabilidade e indissolubilidade, abandono da juventude aos perigos da rua e do vício.

«Também, pelo lado social, são lastimáveis os efeitos da crise da habitação, a qual, agravando as condições de vida de muitos, tanto contribui, por vezes, para transformar o homem num inconformista ou num vencido, inútil à colectividade e a si próprio».

Desde que não prevaleçam os compadrios e favoritismos, a medida agora tomada é, na realidade, do mais longo alcance social e poderá reflectir-se não só na atenuação de um problema grave que os portugueses enfrentam, como contribuir para o melhoramento do seu baixo nível de vida — visto que a renda da casa constitui, presentemente, um encargo quase insustentável no magro salário dos trabalhadores, quer sejam empregados ou operários, e do facto até comerciantes e industriais modestos se resentem.

TRIBUNAL JUDICIAL
Comarca de Vila Real de Santo António
Anúncio
(2.ª Publicação)

Pela secção de processos da secretaria judicial desta comarca correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos de António Manuel Pires e mulher, Mónica Pacheco Pires, ele marítimo e ela doméstica, residentes na Vila de Castro Marim, bem como Ismael Rafael Pacheco e mulher, Albina dos Mártires-Gonçalves Pacheco, ele proprietário e comerciante e ela doméstica, ambos residentes nesta vila, para no prazo de dez dias, posterior a quele dos éditos, deduzirem os seus direitos na Acção Especial de Divisão de Causa Comum que aqueles movem contra estes.

Vila Real de Santo António, 25 de Fevereiro de 1957.

O Chefe da Secção de Processos,
a) António Figueiras da Cruz
Verifiquei:

O Juiz de Direito,
a) Francisco Nunes Correia

Apesar da teoria de que a renda da casa deve absorver apenas 20% do salário, quantos serão os felizardos que gozam desse privilégio? Com as avultadas rendas que se pagam, tanto em Lisboa como nas demais terras do País, muito teriam que subir os ordenados para ficarem em relação com aquela percentagem.

Como consequência deste estado de coisas, todos nós sabemos o que sucede: quartos ocupados por famílias numerosas e a promiscuidade respectiva, que traz em si a imoralidade, a falta de higiene e todo o cortejo de misérias que daí derivam. Bem avisados andam os governantes da Nação, encarando resolutamente tão magno problema e será bom que não abrandem no prosseguimento da sua iniciativa e vigiem atentamente o prosseguimento do sistema para que não seja possível verificarem-se desvios e desvirtuações. Todos os portugueses são — ou devem ser — iguais perante a Lei, e é como tal que devem ser encarados.

Apesar das deficiências que aqui e além se notam, e que respeitam mais aos indivíduos do que à orgânica, é de justiça salientar que tem havido da parte dos governantes a preocupação de que a lei favoreça por igual todos os portugueses e que seja aplicada com critério e isenção.

Esperemos que esta tendência não se altere num assunto de tão magna transcendência, como este de proporcionar a cada um dos portugueses o seu lar próprio, para defesa da família e para que se dê um passo decisivo no caminho da conquista de um nível de vida decente — objectivo que constitui a razão de ser do trabalho, da paz e do progresso.

José dos Santos Marques

LIQUIDA-SE
Na sapataria do falecido José do Carmo Chagas: Artigos de Calçado, atanados, couros, peles pretas e de cor e miudezas, assim como uma máquina para calçado e costura em bom estado.
Dirigir: Travessa Jacques Pessoa, 21 - Tavira.

Sociedade Alcoutinense de Azeites LIMITADA

Por escritura lavrada hoje, a fls. 64 verso do competente livro n.º 25 de notas deste Cartório, Sebastião Manuel Coelho cedeu a Orlando dos Ramos Lopes Silva a quota de 5.000\$00 que tinha na Sociedade Alcoutinense de Azeites, Limitada, com sede em Olhão, com todos os correspondentes direitos e obrigações.

Cartório Notarial de Olhão, 23 de Fevereiro de 1957.

O Ajudante do Cartório
Joaquim dos Santos Carapeto



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D-8.ª Série)

LUSITANO, 1 — ESPERANÇA, 1

O Lusitano, tal como oito dias antes, voltou a fazer exibição inferior às suas possibilidades.

A deduzir da sua formação inicial e das sucessivas composições do seu quinteto avançado, pareceu-nos que a equipa vilarrealense entrou no rectângulo com a intenção de executar um plano diferente e previamente traçado, motivado, cremos, na necessidade de ser confiada a outro elemento a «armação» da manobra atacante, habitualmente a cargo de Marco, que as últimas partidas revelaram em baixa de forma.

Porém, como tanto o elemento experimentado (Ludgero) como os outros que o substituíram (Modesto e Ramires) não deram conta do recado, a equipa evoluiu no terreno sem convicção e desorganizada.

Agravando o mal, as linhas rasteiras poucas vezes fizeram a transposição do jogo de trás para a frente, como mais convinha (bola rasteira), donde resultou uma prejudicial desarticulação nos respectivos sectores.

Os visitantes, com uma defesa valente, decidida, a marcar de perto e, ainda por cima, reforçada com o recuo sistemático de um médio (em jeito de «ferrolho»), puderam opor-se, com êxito absoluto, aos ataques frequentes mas mal esquelmatizados dos seus adversários.

Ao intervalo, os lacobrigenses venciam por 1-0. O empate registou-se a cerca

de 25 minutos do segundo meio tempo e foi conseguido por Daniel, na marcação de um livre a mais de 30 metros da baliza.

As equipas alinharam, sob a arbitragem do sr. A. Guiomar, da A. F. de Beja, da maneira seguinte:

Lusitano: Rodrigues; Pescada, Graça e Gonçalves; Padesca e Daniel; Modesto, Marco, Ludgero, Travaços e Ramires.

Esperança: José Maria; Boto, Amílcar e Andrade; Vital e Duarte; Adelino, Campos, Bicho, José António e Américo.

Outros resultados:

Aljustrelense, 5
S. Domingos, 1
Sambrasense - Serpa
Devido ao mau tempo, este jogo não se realizou.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	P	
Lusitano .	6	3	3	—	17-8	9
F.C. Serpa	5	4	1	—	15-4	9
Sambras.	5	2	1	2	13-13	5
S. Doming.	6	1	2	3	17-25	4
Lagos . . .	6	—	4	2	10-18	4
Aljustrel.	6	1	1	4	9-13	3

Jogos para hoje:

Serpa - Lusitano
S. Domingos - Sambrasense
Esperança - Aljustrelense

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e comércio

TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL
Depositarista nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

Praticante de Escritório
Com idade não superior a 16 anos, precisa-se.
Resposta a este jornal, ao n.º 50.

Clínica de Santo António
(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)
sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre
Rua Guilherme Gomes Fernandes
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EMPRESA RODOVIÁRIA OLHÃO
NOVA CARREIRA ENTRE Santa Catarina da Fonte do Bispo e Moncarapacho (Em ligação com a carreira Moncarapacho-Faro)
Início em 15 de Fevereiro de 1957

HORÁRIO				
8,15		Santa Catarina	↑	19,50
8,27		Pereiro		19,41
8,35	↓	Moncarapacho		19,30

Não se efectua aos domingos

Somos incontestavelmente feitos de sim e de não, de luz e de sombra, de ascensão e descida. A carne vive em permanente luta com o espírito. Este nos propõe para cima, aquela nos empurra para baixo. A carne nos diz: «cede ao primeiro impulso», o espírito nos manda ponderar, antes de darmos o pontapé de saída. A carne manda tremer, tergiversar, hesitar perante o perigo; o espírito lhe volta costas, impondo directrizes opostas. Era a carcaça que a Turenne aconselhava a fuga e o fazia tremer como juncos em dia de vento. «Tremes, carcaça? Mas muito mais tremarias, se soubesses aonde vou levarte». Foi preciso que o espírito se erguesse nas tamanquinhas do seu pundonor, para que a carcaça tomasse o brometo da serenidade. No duelo do espírito com a carcaça, podia aquele dizer a esta: «Tremes, porque és carcaça — e é próprio das carcaças tremerem; mas eu represento o marechal de França, sou Turenne, e um marechal de França não pode tremer».

Talvez que Cambronne, na emergência célebre, também notasse que a carcaça lhe tremia. A carcaça, mas não o espírito, ao qual se ficou devendo a palavra mal-cheirosa cuspidada sobre a intimação do inimigo.

O HOMEM E O BELO

Quem possuir o dom da admiração talhado está para as coisas de arte. A incapacidade de admirar é vacina contra a beleza. A beleza é para os que se movem, para os sensíveis, para os que possuem a emoção à flor da pele. Damos pouco pelos que, perante as coisas de arte, perante os belos espectáculos não sentem aflorar-lhes aos olhos as lágrimas da admiração. O sentimento estético faz o homem melhor. A visão das coisas belas gera ideias saudáveis, pacíficas e puras. Aquelas que, perante a beleza, possuem a sensibilidade do cimento armado não podem ser bons. É de presumir que, no lugar do coração, tenham um seixo bicudo.

Foi Anatole France quem disse que só a Arte dá sentido à vida — a Arte na qual ele des-cortinava a fonte de todas as alegrias, a flor de todas as virtudes...

Decerto que a Arte não constitui a única razão de ser da vida. Decerto. Mas importa que se faça dela uma espécie de primus movens da Educação. Foi Ravaisson quem afirmou: «La beauté est le mot de l'Éducation».

A alma precisa de se comover — e a Arte lhe fornece mil oportunidades de comoção. A Arte sacia a fome de muitas almas. «A thing of beauty is a joy for ever» — escreveu o poeta. Uma coisa bela entorna-nos alegria na alma. Há manifestações de pessimismo que se acalmam à vista de uma rosa. Era Alberto Samain, o estranho poeta francês, quem confessava: «Quand je me sens devenir pessimiste, je regarde une rose».

ESTUPIDEZ MORAL

DO HOMEM

Muito inteligente, o homem. Nesse particular da inteligência, não há bicho que o exceda. Mas de uma inteligência que, em muitos casos (a história antiga, moderna e contemporânea está cheia deles), só lhe dá para actos de superlativa estupidez moral. Enche a boca com «paz e abundância», «paz e civilização», «paz e ciência», mas o que se lê nos seus actos de todos os dias é o egoísmo feroz, a sensualidade torpe, a morte provocada pela escopeta ou pela bomba atômica. Homem, glória e sucata do universo...

Visado pela Comissão de Censura

ILUMINAÇÃO

A lâmpada alemã MERKUR, é a que dá luz mais clara, mais suave, menor consumo, e... não é mais cara.

À VENDA NA

Agência Comercial e Marítima do Sul
Avenida da República, 65
— Telefone 76 —

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

LEITURA

SECÇÃO DE LITERATURA E CRÍTICA
Orientada por N. RODRIGUES PENA

Vamos ler estes escritores

OLIVEIRA MARTINS

HISTORIADOR, economista, jornalista, e, até, num breve período da sua existência, homem de Estado, graças às mercês ou azares duma das mais críticas épocas da nossa vida nacional, Oliveira Martins foi essencialmente um artista. Todos os seus trabalhos afirmam um elevado temperamento emotivo e a sua interpretação dos acontecimentos históricos acusa essa maneira pessoal de encarar os problemas, parecendo servir-se dos acontecimentos e pessoas para exteriorizar ideias e definir arquétipos que, de momento, correspondiam às suas próprias preocupações ideológicas e políticas. Por isso, toda a sua obra no campo da historiografia constitui uma apreciação pessoal dos factos e se ressentia, às vezes, duma falta de autenticidade incompatível com o seu mister de historiador. Aliás, Oliveira Martins nunca se dedicou verdadeiramente a trabalhos de investigação, limitando-se a recriar quadros e figuras escolhidas dentro das suas simpatias e gostos. Deste modo, as suas recriações históricas simbolizam sempre categorias e conceitos humanos: o orgulho, a cupidez, a estupidez, a loucura, o heroísmo. Recordemo-nos de algumas das páginas da *História de Portugal* e *História da República Romana*, e facilmente verificaremos a exactidão do que acabamos de afirmar, e lá encontraremos esta ou aquela figura aproveitada pelo escritor para traduzir sentimentos ou símbolos humanos. O D. João de Castro, por exemplo, apesar de lhe não negar nobreza de carácter, é apresentado como um indivíduo um tanto artificial e postiço, leitor assíduo de Plutarco e decidido, por opinião, a ser um modelo de virtude, e um tipo de nobreza à antiga — ou pelo menos à moda do que então se julgava terem sido certos dos antigos heróis. Todos os casos da sua vida simpática demonstram a nobreza ingénita de um carácter, cunhado artificialmente pela educação literária. Assim, como se verifica pela leitura dos seus livros, Oliveira Martins despreza a realidade substituindo-a por uma imaginação colorida e ardente, que não é dos menores sortilégios de que impregnou a sua obra de artista.

Para se compreender a obra do autor do *Portugal Contemporâneo*, é necessário colocarmo-nos no seu tempo, indagar das contradições em que a sociedade portuguesa se debatia, a decadência a que a Península Ibérica chegara, depois de um efêmero período de apogeu devido ao nosso surto nos mares. As razões desta decadência não estavam, na verdade, nas explicações duma corrupção dos administradores, duma degenerescência orgânica, temas debatidos pelo nosso historiador, mas antes, como nota Henri Séé, numa política errada, que persistia em manter o monopólio colonial e se mostrava impotente para se adaptar às novas formas que assumia o capitalismo. É sobre essa impressão duma sociedade tolhida nas suas aspirações, amodorrada à rotina, golpeada por guerras civis, acasas pelos interesses doutros países, que Oliveira Martins escreveu os seus livros. O *Portugal Contemporâneo* oferece-nos uma descrição autorizada, imparcial, das lutas entre liberais e absolutistas e não é por acaso que esse livro, no tempo, foi acusado por republicanos e monárquicos de tendencioso. O quadro, porém, talvez por reproduzir fielmente uma realidade que nos apoucava, desagradou a todos, e as medidas que Oliveira Martins preconizava, medidas que procuravam modificar a estrutura económica e social do País não foram atendidas pelos demagogos. Nesse livro, ao apresentar um Mousinho da Silveira como um «tipo bisonho», «excêntrico», não se esquece de lhe fazer justiça e apreciar honestamente o trabalho do legislador e reformador que imprimiu ou quis imprimir à vida nacional um fisionomia social moderna.

Tem-se proclamado que Oliveira Martins renegou as suas ideias socialistas e testemunha-se o facto, principalmente, pela sua participação num Ministério da monarquia. Estudiosos da sua obra como os escritores António Sérgio e António José Saraiva, divergem dessa opinião e afirmam que de todos da geração de 70, Oliveira Martins foi o que permaneceu mais fiel ao seu ideal de homem público. E, de todos eles, foi talvez o que mereceu o epíteto de «vencedor da vida», pois, na verdade, foi-o, na medida em que fracassou na política e na impossibilidade de aplicar algumas medidas que se lhe afiguravam essenciais para o progresso do País.

Homens de formação moderna, espíritos de escol, não evitaram o enormíssimo erro de actuar separados da grande massa da Nação, colocando-se, quase sempre, em posições em que os contactos com o povo se tornavam impossíveis; elites superiores, que desdenhavam da força das populações e nunca desceram até elas. Neste divórcio entre as camadas intelectuais esclarecidas e as largas camadas da população reside, talvez mais do que em qualquer outro motivo, a explicação do malogro da actividade de Oliveira Martins. E, facto curioso, que abona dos méritos e qualidades do autor da *Inglaterra de Hoje*, ele apercebeu-se e presenteou esse grande erro. Melancolicamente, ao rematar o seu livro *História de Portugal*, reconhece que: *Não se sabe mais do que o praticamente indisponível, e por isso mesmo a craveira do saber necessário se fecha diariamente, chegando-se afinal a uma vulgaridade banal.* E no mesmo tom triste, no mesmo tom fatigado: *Para além dessa numerosa classe que governa e intriga, de um modo que não é lícito ver nobreza nem elevação, borborinha um enxame de trabalhadores obscuros, lavrando pacientemente a terra e transformando os seus produtos, indiferentes a ideias que desconhecem, desconfiados ou descrentes dos homens, inspirados e movidos pelo propósito único de semear e colher os frutos do trabalho. São eles a matéria prima da sociedade, mas não descobrem nessa turba a fisionomia própria das nações.*

DESTEMPEROS NEHRUVIANOS...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

gregos e dos portugueses em Goa», mas a hedionda carnificina que esse hipócrita sem vergonha tem promovido na Caxemira e no Hayderabad, onde, só de uma vez, mandou chacinar mais de dez mil muçulmanos. Mas isto, evidentemente, não é imperialismo. Como nada tem de imperialismo, nem de «colonialismo», a forma desambarçada como o patremãozinho do Congresso Indiano se apoderou de Caxemira, pela força, estando-se nas tintas para os plebiscitos e para as decisões tomadas pela O. N. U. — essa simpática «arca de Noé», que berra forte e feio quando se trata de pequenos Estados como Israel, mas que é acometida de afonia quando se trata da Índia do sr. Nehru e das vacas ou do urso moscovita, mesmo quando este, com uma só patada, «limpa» uma Hungria inteira.

Este homem fatal, o sr. Nehru, na sua avidez de «libertar» povos, à ponta de baioneta, como sucede com as tribos Nagas, ou por intermédio de crimino-

ANTOLOGIA CRÍTICA

O génio é sempre do seu século, mas ultrapassa-o sempre: os mediocres pertencem inteiramente ao seu século, estão sempre à temperatura do seu meio, ao nível do seu público. As obras mortas duma época são, portanto, necessárias para circunscrever e definir a originalidade irredutível ou incomunicável do grande escritor, para definir a estética média duma escola, a técnica usual dum género, o destino regular e os usos comuns duma certa categoria de literatura.

Enfim, a história literária termina pela expressão das relações da literatura com a vida, onde ela se liga com a sociologia. A literatura é a expressão da sociedade; a verdade incontestável que deu origem a muitos erros. A literatura, muitas vezes, é complementada da sociedade, exprime o que em nenhuma outra parte se realiza, os desgostos, as inquietações, as aspirações do homem. Ainda por aí a literatura é bem a expressão da sociedade, mas então é preciso dar à palavra um sentido que não compreende unicamente as instituições e os costumes e que se estende às que não têm existência actual, ao invisível que nem os factos nem o puro documento da história revelam.

E, além disso, não será suficiente ver uma relação geral entre a literatura e a sociedade. Imagem ou espelho, não é bastante para nós: queremos saber as acções e reacções que vão de uma a outra, qual vai à frente ou segue, em que momento é uma ou outra que fornece o modelo ou o imita.

G. Sanson

ACÇÕES

De «A Electro Fabril», compra-se qualquer quantidade, pagando-se ao melhor preço.

Resposta:

Apartado n.º 13 - FARO.

DOIS PONTOS

Luta povoada de fantasmas a conspurcar a flor dum pensamento! Oh angústia, oh dúvida, não tornes a voltar, desfiz em cinza tua máscara cavada de aniquilamento!...

A luz do conhecimento é doce e afaga e acaricia a existência: traz à vida o sadio culto da vida, requintado nos matinais fulgores da livre consciência!

Eu bem sei, que esta dor, que no peito trago, arruina e mata lentamente; porém, quem não sofre da tortura fundamentada, no sangue, fogo e estrago, que em toda a parte diz: presente?!

Emídio Sampalo Luz

A GRANDE JORNADA LUSO-BRASILEIRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

que em representação da Grã-Bretanha veio até Portugal trazer o abraço amigo dos nossos amigos ingleses, estreitar relações comerciais, políticas e culturais, num exemplo de constância de sentimentos e interesses que o tempo não destrói, antes aviva e desenvolve, num plano cada vez mais amplo.

No nosso Mundo de hoje, acontecimentos desta natureza constituem factores de paz e de progresso, pois que, na medida em que se alarga o entendimento entre os povos, em que as relações de vida entre si se

estreitam e se aprofundam, desaparecem os motivos que geram conflitos, humanizam-se os princípios de existência.

Isabel II, retribuindo a visita que há mais de um ano fez a Inglaterra o Chefe do Estado português, precipitou os acontecimentos para uma mais rápida comunhão de trabalho com a Grã-Bretanha, que é simultaneamente um dos primeiros países do Mundo e nosso mais antigo aliado.

O povo português soube reconhecer o significado desta régia visita e compareceu espontaneamente e acompanhou a Rainha, rodeando-a daquele carinho e hospitalidade bem portugueses, que comovem e humanizam. Isabel II não ficou insensível à manifestação. Desde a sua chegada ao Terreiro do Paço até à partida, ela presenciou, com certeza, um espectáculo inédito para si. Pelo menos, no capítulo do volume de espontânea sinceridade com que foi aclamada. E a grande Senhora e Rainha deixou-se contagiar e foi dominada pelo irreprimível entusiasmo popular, retribuindo, com simpatia, as homenagens de que foram alvo a sua graciosa pessoa e a Grã-Bretanha.

Portugal e a Inglaterra, no concerto da vida internacional, aprestam-se desta forma cordial para uma caminhada comum, que não tem nada de fácil. Adensam-se nuvens negras no horizonte. A civilização aí suportar maiores provas do que aquelas a que tem sido submetida. O inimigo asiático não dorme, esperta a sua vítima, devassando-lhe os pontos fracos, para operar o ataque. Porém, a Europa e particularmente as duas nações atlânticas que tão bem se estão compreendendo e acertando o passo, na órbita dos mesmos interesses de civilização, não se deixarão surpreender. A visita de Isabel II a Portugal terá inestimável repercussão no futuro do Ocidente. Por enquanto, constatem, com orgulho e prazer, a existência dos sentimentos e das virtudes que jamais desaparecem da alma portuguesa e tiveram agora, perante Sua Magestade Britânica, uma bela e feliz expressão.

Fernando Iglésias

O PROBLEMA dos transportes

ENTRE O ALGARVE E A CAPITAL

Do sr. presidente da Câmara Municipal desta vila recebemos a seguinte carta, que reproduzimos textualmente:

Vila Real de Santo António, 4 Março 1957.

Ex.º Sr. Jornal «Noticias do Algarve»

Vila Real de Sto. António

Não concordando com os termos empregados por esse Jornal em artigo de fundo denominado O PROBLEMA DOS TRANSPORTES ENTRE O ALGARVE E A CAPITAL, e podendo tal forma de redigir ser tomada como o estado de espírito de Vila Real de Santo António que neste momento não é censuras mas somente de agratidão pela inauguração, para breve, do serviço diário das automotoras entre Lisboa e Vila Real de Santo António, venho manifestar o meu desacordo pela redacção do mesmo artigo, cuja publicação espero seja feita no primeiro número do vosso Jornal.

A bem da Nação

O Presidente da Câmara,
José Victor Adragão

N. da R. — Como é óbvio, este jornal mantém, integralmente, todas as afirmações feitas no artigo a que se refere a carta acima transcrita, pois, embora respeitemos, por uma questão de princípios, educação e espírito de tolerância, as opiniões alheias, distinguimos com o mesmíssimo respeito as nossas próprias opiniões.

D. P.

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.